



# A PEROLA



REVISTA QUINZENAL LITTERARIA

Dedicada ás  damas vimaranenses

Redacção e Administração Rua do Conde D. Henrique, GUIMARÃES

Redactores: A. S. Carvalho  
E. Guimarães

Redactor e Administrador,  
Delphim G. S. G.

OFFICINA DE IMPRESSÃO  
MINERVA, TYPOGRAPHIA GUISE  
Guimarães

12 de MARÇO de 1905

Preço da assignatura: anno 500 reis  
Numero avulso . . . . . 20 reis

Editor, Gabriel Pereira de Mesquita

## ESPHINGE.

### Dedicado ás damas vimaranenses.

Como monumento erigido á sua grandeza, para immorredoura recordação da sua gloria ou em devoção á sua divindade, o poderoso Farahó mandou construir uma esphinge.

Os mais habéis operarios do Egypto trabalharam na sua construcção; milhares de escravos acarretaram o material necessario, e lentamente foi se destacando a collossal escultura com as suas linhas severas e formosas.

Poseram-lhe, em corpo de leão, seios e rosto de mulher; o seu tronco descansava, com as suas poderosas garras estendidas sobre um plintho, a galharda cabeça feminina levantava-se soberba, contemplando com os seus olhos sem pupilas os immensos areas do deserto.

Décorreram annos e annos antes que o escultor aquem Farahó encomendára a construcção da esphinge, d'esse por terminados os seus trabalhos. Por fim golpeou nervosamente com o seu cinzel pela ultima vez o seio feminino da esphinge, e ao apartar-se, da escultura murmurou, depois de largos instantes de meditação:

*«So uma palavra poderá commovel-a».*

Foram-se embora escravos e operarios; atraz d'elles foi tambem o escultor, e enquanto o sol escondia o seu resplandecente disco nas cercanias do occidente, a solidão ia caindo em torno da esphinge, cuja cabeça, severa e magestosa, contemplava com seus olhos sem pupilas, como em uma eterna interrogação, os immensos areas do deserto.

Os Farahós succederam-se no throno do Egypto, e os seculos sobre os homens, passa-

ram como passam os fortes furacões sobre a planicie do deserto, levantando fortes redemoinhos d'areia.

A esphinge, immovel, viu passar os seculos e os furacões, e proseguiu contemplando com os seus olhos sem pupilas a immensa esterelidade do deserto. Um dia, o profundo silencio que reinava em torno da esphinge foi perturbado como que por um rumor de tempestade terrivel, e sem embargo, um sol abrasador luzia no ceu intensamente azul sem a mais leve mancha de uma nuvem. O fragor da tempestade foi se approximando, e appareceram no horizonte massas obscuras que avançavam lentamente para a frente, e as quaes algumas vezes, feridas pelos raios do sól, relampejavam com deslumbrador e fugitivo brilho.

Depois, já mais proximas, surgiam d'ellas tons purpúrios, e o relampaguear fez-se cada vez mais intenso e mais constante. ao passo que o surdo ruido como de tempestade ia rompendo de milhares e milhares de agudos sons dos toques de clarins e gritos humanos.

Viu-se por fim no meio da grande multidão que avançava cobrindo toda a extensão da terra, uma orgia de côres e uma confusão immensa de verberações luminosas, e o grande exercito do poderoso rei, vencedor de cem reis, descobriu-se ante a esphinge, atroando o ar com mil rumores de canções guerreiras, de ruidos dos carros, do tilintar das armas, de imprecações e de lamentos humanos. O rei mandou que o exercito se detivesse e acampasse, e a tenda real alçou-se mesmo ao pé da esphinge.

Vinha vencedor de quantos reis havia encontrado na terra, e os seus carros estavam atulhados de riquezas, saqueadas nos palacios e nos templos.

(CONTINUA)

REIS "O PEQUENO,"

A MINHA QUERIDA AIDA

*Na pequenina pétala de uma violeta.*

Triste e aprehensivo  
P'ra mim nada sorri;  
Da magua o lenitivo  
E' só pensar em ti.

Guimarães-10-5-905.

A. S. Carvalho

ENLOUQUECEU!!



Era linda!... era bella!...  
N'essas noites de luar,  
Parecia uma estrella  
No firmamento a brilhar!

Quantas vezes á janella  
Eu a via a chorar!  
Que choros!...—O chorar d'ella,  
Fazia-me arripiar!...

Depois soube que chorava  
Por um rapaz que amava.

O pobre moço morreu,  
E ella enlouqueceu...

dos "GOTINHOS MURCHOS,"

Delfim Guimarães

NO TUMULO DA MINHA AMADA



Que solitaria e simples pedra é esta que  
diviso aqui posta sobre a terra sem ornamento  
algum?...

Ah! .. somente lhe vejo uma curta e triste  
inscripção!...

Os seus caracteres estão apagados mas ain-  
da lhe posso entender o sentido.

Oh!...monumento infiel...que motivo ti-  
veste tu para deixares desaparecer o nome  
que te incumbiram de conservar?. .Oh! meu  
Deus!...por ventura fuscarse-hião estas let-  
tras, com as lagrimas derramadas de uma des-  
consolada familia, que muitas vezes veio chorar  
sobre este tumulo!...

Contemplei-o de mais perto.

Ah! são os restos mortaes da minha infeliz  
amada que existem aqui?...

Oh! infeliz belleza!...de que te serviram  
tantos encantos e tantos attractivos? De que  
te serviu o brilhante esplendor, com que scin-  
tillavam teus olhos?

Descança minha amada! tu abriste-me os  
olhos, eu preferirei d'aqui em deante ás fugiti-  
vas apparencias de um corpo fragil e corrup-

tivel, uma alma virtuosa.

Praza ao ceu, que as tuas companheiras  
pensem em ti, no estado que te achas re-  
duzida!...

Comtigo se sepulta toda a minha felicidade,  
e nada poderá já consolar-me: passarei o res-  
to da minha vida a chorar, até que a dôr me  
arraste ao tumulo!...

A. S. Carvalho

AMOR DE MULHER.

(Inedito)

I

Cahia a noite, morna e silenciosa, cheia de  
perfumes exquisitos e de sombras vagas que  
como que se agitavam na semi-obscuridade de  
um luar tenuissimo.

De braço dado, amigavelmente enlaçados,  
os dois amigos seguiam, silenciosos, aspiran-  
do avidamente o fumo dos charutos.

—E depois? . perguntou um d'elles, apoz  
alguns momentos de silencio.

—Depois... depois... Nem sei como o con-  
te...

Já t'o disse... eu amava a...ou julgava amar...  
Ella amava me. .

Tinha d'isso uma convicção plena e absolu-  
ta; lia-lho nos olhos, nas palavras e nas lagry-  
mas.

E eu... seduzi a..

Ao principio chorou, lamentou-se, definihou-  
se, emagrecen. .

Depois familiarizou-se com a sua nova vida...

Eu tinha-lhe arranjado uma casita modesta  
e aceiada, nos arredores da cidade, com um  
jardinsito ao lado e umas paredes muito cañ-  
das, muito brancas.

Ao passo que ella se ia formalizando com o  
seu novo viver, ia-me eu fatigando das suas  
caricias, sempre as mesmas, sempre repetidas,  
apenas de cada vez mais quentes e mais ex-  
pansivas...

Um dia .. não... foi uma noite...

Eu ia rareando de cada vez mais as minhas  
vizitas pensando até no meio de as cortar defi-  
nitivamente...

Chegara a imaginar uma combinação thea-  
tral: um amigo condescendente compromette-  
ra-se a introduzir-se de noite no quintalejo; um  
ruído chamaria a minha attenção, dois tiros  
de revolver... paro o ar, o inimigo que se  
rende e confessa, a despeito das negativas d'el-  
la, que eu era enganado, uma scena de ciumes  
mais ou menos pathetica e por fim a quebra  
formal, sem quebra de dignidade...

—Infame!... interrompeu o primeiro.

—Infame quem? Eu, ou elle?

Canalhas ambos; infame, infamissimo o pla-  
no e... desculpa-m'o o seu urdidor.

—Tens razão, confesso-o.

Estava pois para essa noite combinado o  
trama; eu tinha entrado alegre, despreocupado,  
amante como nunca; tinha bebido com beijos

As lagrimas que se baloiçavam aos cilios da minha amante, tinha-lhe jurado que ella seria sempre minha, que havia de ser minha perante Deus e perante o mundo, emfim, architectava sonhos e ternuras enquanto esperava o signal combinado.

Ella porém, sempre triste, sempre chorosa, olhava-me d'um modo indefinido e vago.

Entrou entam commigo uma suspeita, mas agora uma suspeita a valer.

Não te posso explicar o que entam senti...

Compreendi que a amava mais do que julgava e que essa saciedade que vinha experimentando era o resultado da certeza do amor e da fidelidade d'ella.

Experimentei n'esse momento a amargura de um ciúme indefinido mas cruel; deixei de prestar attenção e não ouvi o signal ou se o ouvi não lhe prestei attenção.

Desencadeiava-se na minha alma uma tormenta horrivel; eu que ha pouco desejava a prova de uma infidelidade flagrante, tremia agora de horrôr ao lembrar-me de que essa mulher poderia enganar-me.

Ella notou a rapidez da minha transicção; eu suava e ella notou-o...

Desdobrou nos labios um sorriso que eu julguei hypocrita e canalha, e brandamente perguntou-me se eu estava doente, o que tinha...

- Não sei, respondi surdamente...

E d'um impeto, sem a consciencia do que fazia, perguntei-lhe.

- E tu?... Que tens tu? Porque estás hoje mais triste do que nos outros dias? Porque choras hoje mais e de um modo estranho?...

Ella enlaçou-me então nos seus braços delgados e magros, chegou junto de mim a sua face afogueada e rubra e confessou-me que se conhecia mãe no momento em que o meu amor lhe fugia, quando comprehendia que principiava a nada ser para mim...

Parece-me que chorei entam; pedi-lhe com humildade que me perdoasse a minha suspeita infame e jurei, entam convicto que a amaria sempre... sempre... sempre...

Era madrugada quando sahi.

O ar fresco da manhã trouxe-me as primitivas idéas; entrei a lançar na balança mais o peso de um filho... mas fiquei de resolver para o futuro o meio de me descartar, agora da mãe e do filho...

(Continua)

A. A.

## INFELIZ!

E bem o era aquella pobre velhinha. Morava num velho e rachitico casebre, mais proprio para os irracionaes do que para um ser humano.

E alli vivia sosinha e tão miseravel aquella infeliz!

As esmolas que, aqui e além lhe davam, é que lhe matavam a fome, e, as vezes, sabe

Deus... mas assim ia passando os tristes dias de sua vida.

Emfim, neste mundo ha muitas coisas assim!

Estava-se em pleno inverno.

Numa d'essas manhãs em que apparecem extenções lenços de gelo, atravessava eu um monte que fica perto do logar em que viveu a velhinha e, numa grande cova, que ainda hoje alli existe, encontrei esta desgraçada mulher deitada e embrulhada nuns miseraveis trapos!

A principio, julguei-a morta; porém, começando a chamar por ella, ouvi-lhe estas palavras:

- Vá-se embora, deixei-me...

- Saia d'ahi, mulherzinha, que morre de frio!—disse-lhe eu bastante commovido.

- Deixe-me, que estou bem...

Eu segui o meu destino.

Quando regresssei, já o sol ia alto; e, vindo pelo monte, já não a vi.

No dia seguinte, muito cedo, fui de proposito ao monte, mas tambem não a encontrei.

Decorreram talvez dois mezes, sem eu voltar ao monte.

Um dia, de tarde, eu e um amigo passavamos por lá e, ao chegarmos ao pé da tal cova, eu narrei-lhe a scena que comigo alli se dera.

E o meu amigo, conscio dos fins de vida da velhinha, disse-me que ella tinha morrido repentinamente, no auge da miseria!

Infeliz! São bem certas as palavras de Gresset: *«La douleur est un siècle et la mort un moment»*.

I. P. de Lima

## GLORIA IN EXCELSIS!

“à Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Luiza G.”



Louvada sejas para eterna gloria  
De Deus, musa gentil que me acompanhas  
Pela selva do amor como a incorporea  
E vaga Seraphita das montanhas!

Louvada sejas tu que me protejes  
Contra a má-Sorte que o sorriso extanca!  
Louvada sejas tu porque me eleges,  
E me deslumbras com tua alma branca!

Louvada sejas tu que nos dispersos  
Dias de angustia a trabalhar me animas!  
Louvada tu sejas que me dás alma aos versos  
Louvada tu que me dás sangue ás rimas!

Depois ou tarde ou breve,  
Ao rijo inverno d'essa fria idade  
Em que o cabello se transforma em neve  
E o coração palpita de saudade.

Louvada sejas, bella irmã das Musas,  
Quando transpondo os pedragaes da Vida,  
Como a estrella dos Magos me conduzas  
à Terra Promettida!

Guimarães, 24-2-1905.

Albertino R. B.



## Os gemidos das nossas lyras

XII

Creança abre-me os braços,  
E nossas almas unamos...  
D'amôr, nos flácidos laços  
D'esse amôr que nós jurámos!...

A. S. Carvalho

XIII

Os teus olhos negros, negros,  
São dois revoltosos mares!  
As ondas: são suas lagrimas,  
As procellas: seus olhares!...

Delfim Guimarães

XIV

Se me não amas querida,  
Se me queres só enganar,  
Dize-m'ô por tua vida  
Para deixar de te amar!...

TÓNI GRICE

XV

Eu jurei aos ceus ser tua,  
A's estrellas de te amar...  
E tambem jurei à lua,  
De nunca mais te deixar!...

ADDA

XVI

Oh bella teu terno olhar,  
Oh bella esses teus olhos,  
Fazem minh'alma penar,  
São elles os seus abrôlhos!...

JASMM

XVII

A' Ex.<sup>ma</sup> Sra. S. M. D. G.

N'este grande mar d'escolhos,  
Não me deixes naufragar;  
Dá-me o brilho de teus olhos,  
Dá-me a luz do teu olhar.

Laurentino S. Eugenio

## A louca de Brito

Aqui calla-se um pouco arquejante, livido, e torna com mais rancôr:

—Sou a vingança, a atroz vingança, que espera pacificamente as vilanias que tramas contra essa innocente que eu amo com loucura. Ouve bem, cobarde, amo a com loucura! ..

Vae para continuar mas Julio um pouco mais socegado envolve-o em um olhar de fingida compaixão, e, tratamudeando, repõe cynicamente:

—Mas porque não lhe confessas tu esse teu amôr?! .. Terei eu alguma culpa em ella não te amar? .. Parece-me que não...

—Oh! cala-te, cala-te... deixa-me continuar: —Ouve bem: eu tenho soffrido muito, tenho libado uma a uma as lagrimas que os meus olhos vertem a cada instante, ao pensar no desprezo d'aquella angelica mulher, d'aquella mulher que eu amo e que jamais deixarei de amar...

Já mais que uma vez lhe confessei este ruminante amôr, mas todas as vezes que o fiz se riu de mim galhofeiramente!...

Oh! mas eu não posso arredar do meu pensamento, nem do coração, um só instante, esse anjo de azas copadas!...

Amo-a capaz de enlouquecer..

Ouviste miseravel?... Olha que eu amo a e quero conquistar o seu amôr!...

Isso é que hei-de conquistar, nem que desça ás profundas dos infernos...

E tu vilão. tu o falso namorado, commigo te has de haver um dia .. Havemos de ajustar contas... Sei que me odeias... eu tambem te odeio .. Juro-te pelas cinzas de meu honrado pae que Leonôr jámais te pertencerá. Eu a velarei... Oh! desgraçado de ti se tentas alguma emboscada contra essa innocente!...

Se assim acontecer procurar-te-hei mesmo nos confins do mundo para saciar a minha dura vingança!

Podia matar-te como a um cão. se quizesse, mas não, ainda não...

Agora, vae te, foge de mim, demonio attentador.

Estende o herculeo braço, repelle o energeticamente, e fica a olhal-o, com um olhar furibundo, até elle desaparecer atravez do manto negro da noite.

Agora sacode imptuosamente o corpo, envolve-se na farta capa, e some-se, assobiando uma ária, por entre um espesso arvoredô.

A lua, ha um pouco, olhava, por entre uma nuvem, toda essa rancorosa scena, agora caminha, lentamente, soberanamente, ceus fóra, escondendo-se sorrindo por entre uma nuvem d'um azul ópaco.

IV

Agora, caros leitores. é ja tempo de vos traçar em poucas linhas os nossos personagens:

Julio de Magalhães tinha 30 annos.

Era palido, palidez que na sua juventude deveria ter feito realçar o bem talhado das suas feições, mas que ao presente indicava uma vida passada no meio d'um desregramento dissoluto.

De mediana estatura, olhar a reluzir uma sombria alegria, a fronte ampla e bem talhada, sulcada por duas fundas rugas, indicava-lhe claramente um pensamento reservado.

(Continua)

Delfim Guimarães